

#39 Sutra do Diamante - Generosidade

– RI 2020

Lama Padma Samten

<inserir o local e a data>

<https://www.acaoparamita.com.br/programa-de-treinamento-em-21-itens/> - #39

Este é um material transcrito a partir de ensinamentos orais de Lama Padma Samten. Ele é usado exclusivamente para apoiar os estudos e práticas dentro da sanga, pedimos não reproduzir em outros sites. O material está em constante revisão e melhoria; quaisquer erros encontrados são devidos às limitações das pessoas envolvidas na transcrição e na edição, e serão corrigidos assim que possível.

Caso tenha contribuições para melhorar esta transcrição, entre em contato pelo email repositorio.transcricoes@gmail.com.

Tabela de conteúdos

- [Sutra do Diamante](#)
 - [Paramita da Generosidade](#)

Sutra do Diamante

Nós vamos utilizar a versão do “Sutra do Diamante” de Dwight Goddard e [o Bhikshu] Wai Tao. São os tradutores. O Sutra do Diamante é um Prajnaparamita. O Prajnaparamita é um pouco mais extenso, não é apenas um texto. Nós recitamos diariamente o “Sutra do Coração” do Prajnaparamita, do núcleo central da compreensão do Prajnaparamita. Eu gosto sempre de lembrar que menor que o “Sutra do Coração”, que já é relativamente pequeno, é o Sutra em uma sílaba só - eu acho aquilo maravilhoso - que é a sílaba A. Se nós compreendemos A, a gente acessa a mente do Prajnaparamita. Isso parece meio mágico. Como a pessoa diz A e acessou a mente do Prajnaparamita? Mas é! Porque A significa a luminosidade da mente que produz as aparências. Se a gente entende a luminosidade da mente produzindo as aparências, a gente entende o aspecto de vacuidade das aparências, e todo o resto brota a partir disso, naturalmente. Então, a chave do Prajnaparamita é a sílaba A. É como se aqui a gente tivesse sempre que dizer A.

Namkhai Norbu Rinpoche tem essa canção da sílaba A. É super bonito! É super lindo! É simplesmente AAA... Tem um gesto... Isso se prolonga AAAAAA..... Ele vai entoando..... É muito lindo!.... É um AAA... que, no meio, você começa a contemplar todas as aparências surgidas da luminosidade. É muito lindo! Namkhai Norbu é um mestre Dzogchen, completamente. Ele foca na sílaba A. Maravilhoso! Namkhai Norbu é um grande mestre iluminado!

A gente não pode dizer que entristece, porque a vida é como é, mas é muito impactante que esses grandes mestres vêm e vão. Namkhai Norbu parecia eterno. É a mesma sensação que eu tinha de Chagdud Rinpoche. Chagdud é eterno, não termina. Aí, Namkhai Norbu... morreu! É muito triste!... mas é assim, e a sanga segue. Isso é maravilhoso, também!

Então... o ponto é a sílaba A! Aqui, no "Sutra do Diamante", o que tem mais que a sílaba A? O que no Sutra do Coração tem a mais que a sílaba A? É a contemplação! No Sutra do Coração, nós vamos dizer “forma é vazio”, “vazio é forma”. Em vista de que tudo é AAA... eu posso dizer que a forma é vazio, vazio é forma... forma nada mais é do que vazio.... vazio nada mais é do que forma...Estou contemplando!.... Do mesmo modo sensação, percepção, formação mental, consciência... são vacuidade.... Na vacuidade não há olhos, não há ouvidos, nariz...são contemplações... Ele para assim... Haaaaa... na vacuidade não há olhos, não há ouvidos...e vai olhando!... tudo aquilo é construído. É muito extraordinário!

Aqui [referindo-se ao Sutra do Diamante] nós temos outras contemplações. Ele segue contemplando!.... Sempre a partir de... a gente volta e Uaaaaa! E aí vai olhando. Aqui [Sutra do Diamante] tem um contexto mais situado no mundo. No caso do "Sutra do Coração", o Buda estava com a sanga toda no Pico dos Abutres. E ficou assim... no final todo mundo regozija-se e encerra o Sutra. Aqui [Sutra do Diamante] tem conversas mais pessoais. Ele começa deste modo:

Assim eu ouvi.

Numa ocasião, estava o Senhor Buda residindo no reino de Sravasti, hospedado no Jardim Jetavana, que Anatha-Pindika havia dado à irmandade, e com ele estavam reunidos mil duzentos e cinquenta experientes Bhikshus.

Jardim Jetavana, seja lá, seja aqui, é um bom lugar. [risos] Nós não estamos ainda com 1250 grandes bhikshus, mas tudo bem... [risos] É que é um pouco frio aqui, né? E a gente podia pensar que bhikshus são os monges, mas bhikshus são aqueles que praticam a não-dualidade. Isso já é uma boa coisa!

Quando se aproximou a hora da refeição matinal, o Senhor Buda e seus discípulos colocaram suas roupas de sair à rua e, carregando tigelas, dirigiram-se à cidade de Sravasti

Aqui no Jetavana seriam 12 quilômetros até a faixa. É meio difícil de mendigar ali, né?

onde passaram a esmolar seu alimento de porta em porta. Quando retornaram ao Jardim Jeta, tiraram suas roupas de rua, banharam seus pés, compartilharam sua refeição matinal, guardaram as tigelas para o dia seguinte e, a seguir, sentaram-se ao redor do Senhor Buda.

O Venerável Subhuti levantou-se de seu lugar, em meio à assembleia, arrumou suas roupas de tal modo que seu ombro direito ficou exposto, ajoelhou-se sobre seu joelho direito, juntou as mãos e, inclinando-se respeitosamente ao Senhor Buda, ele disse:

– Tathagata, Honrado dos Mundos, nosso amado Senhor! Possa a tua misericórdia cair sobre nós, para que tu nos cuides e nos dêes o bom ensinamento.

O Senhor Buda replicou a Subhuti dizendo:

– Certamente, eu tomarei o cuidado devido de cada Bodisatva-Mahasatva e darei a eles a melhor instrução.

Então, aqui, na assembléia estavam os Bodisatva-Mahasatvas, ou seja, estavam aqueles que eram capazes de manter a visão da realidade.

Subhuti continuou:

- Honrado dos Mundos! Nós estamos muito satisfeitos em ouvir tuas sagradas instruções. Dize-nos o que deveríamos falar quando homens e mulheres, bons e piedosos, vêm a nós perguntando como deveriam iniciar a prática para atingir a Mais Elevada e Perfeita Sabedoria (Anuttara-Samyak-Sambodhi).

Então, eu vou fazer um breve comentário, que coloca em contexto o que estamos fazendo. Estamos olhando as Quatro Nobres Verdades; nós fomos passando por cada uma delas, entramos na quarta nobre verdade, olhamos a motivação. A gente estudou a motivação. Olhamos as ações não virtuosas, depois as ações virtuosas e posteriormente nós olhamos as instruções de Diana, a prática de meditação. Aí a gente comparou shamata com zazen, por exemplo; entramos na prática de samasati, que é essencialmente Prajnaparamita, que é o que estamos olhando. Ou seja, como olhar com sabedoria, com a mais elevada sabedoria (Sati) as aparências. É isso o que estamos fazendo, através do Prajnaparamita. E, na sequência, Sati não tem um sentido em si mesma senão abrir em direção ao oitavo passo que é samasamadi. Então, aqui isto é apresentado como a mais elevada sabedoria, que é Anuttara, ou seja, aquilo que não pode ir adiante... não tem nada depois. Anuttara-Samyak-Sambodhi, que corresponde à realização de Samasamadi. Ele pergunta:

- Diz-nos o que deveríamos falar quando homens e mulheres, bons e piedosos, vêm a nós perguntando como deveriam iniciar a prática para atingir a Mais Elevada e Perfeita Sabedoria (Anuttara-Samyak-Sambodhi). O que deveríamos dizer a eles? Como deveriam eles aquietar suas mentes vagueantes e subjugar seus pensamentos compulsivos?

Nesta parte, eu sempre fico feliz porque vocês imaginem: estava lá o Buda, todos os alunos, e os alunos com mentes vagueantes, pensamentos compulsivos. Então, nós estamos perdoados, realmente perdoados. Hooo, esta parte nós já temos, então. [risos]

O Senhor Buda replicou a Subhuti, dizendo:

– Tu fizeste uma boa pergunta, Subhuti. Ouçam cuidadosamente, eu irei respondê-la de tal forma que todos na Sanga irão compreender. Quando homens e mulheres piedosos e bons vierem a vocês aspirando iniciar a prática para atingir a Mais Elevada e Perfeita Sabedoria, eles terão apenas que seguir aquilo que passarei a dizer a vocês, e, muito em breve, serão capazes de subjugar seus pensamentos discriminativos e desejos obsessivos, e serão capazes de atingir a perfeita tranquilidade da mente.

Então, quando nós olhamos essas palavras de acordo com o lugar onde nós estamos, a gente compreende de um jeito ou de outro. Quando a gente está muito no início, a gente pensa uuuuu.... Então é isso, eu estou aqui meditando; meus pensamentos vem; se eu ouvir isso, meus pensamentos se estabilizam, e os desejos também. Os desejos desaparecem, e nós vamos atingir a perfeita tranquilidade da mente.... como se fosse uma super shamata. Então, esta é uma primeira perspectiva. Se a gente for olhar assim e já der um salto lá adiante... então serão capazes de subjugar seus pensamentos discriminativos e desejos obsessivos. Aqui "subjugar" seria "iluminar", reconhecer Darmata, reconhecer o aspecto último, presente, seja em qual for a aparência - serão capazes de atingir a perfeita tranquilidade. Essa perfeita tranquilidade não vem porque eu treino, porque eu

evito qualquer coisa, mas porque além do movimento de tudo, há algo que não se move. Isto é o que vai produzir a experiência de perfeita tranquilidade. Ela não é uma perfeita tranquilidade construída por uma habilidade e nem há alguém ali dentro que tem um super controle que mantém a perfeita tranquilidade. Mas é a perfeita tranquilidade no sentido da natureza livre e viva que não flutua, que está além das próprias identidades.

Paramita da Generosidade

Então o Senhor Buda dirigiu-se à assembleia:

– Cada um no mundo, começando com os mais elevados Bodisatvas-Mahasatvas, deveria seguir o que vou passar a ensinar agora a vocês, pois este ensinamento trará a liberação a todos,

Então, esta parte eu acho muito interessante porque inclui os três mundos - os três reinos, depois os seis reinos.

quer sejam nascidos de um ovo

Isso é interessante, não se limita a seres humanos... super importante isso. A gente teria que entender que todos os seres têm a natureza búdica. Ele está vendo isto, está dizendo isto.

quer sejam nascidos de um ovo ou formados em um ventre, ou evoluídos por fertilização externa, ou produzidos por metamorfose, com ou sem forma, possuindo faculdades mentais ou sem faculdades mentais, ou ambos, sem faculdades e com faculdades mentais, ou nenhum, nem destituídos nem não destituídos de faculdades mentais, e todos serão conduzidos em direção ao perfeito Nirvana.

Todos os seres imagináveis, todos os tipos de mentes que possam brotar, no aspecto grosseiro ou sutil, todos eles serão conduzidos em direção ao perfeito Nirvana. Aqui é uma forma do Buda descrever a multiplicidade das aparências das vidas condicionadas em todas as direções. E aí vem já a primeira correção. Ele diz:

Apesar dos seres sensoriais a serem libertos por mim serem inumeráveis, sem limite, ainda assim, em realidade não existem esses seres sensoriais a serem libertados.

Esse ponto é um ponto crucial, mas não é um ponto inicial. Mas aqui é um ponto já apresentado de saída. O tempo todo, o Buda vai arrumando isso. Por exemplo, na medida em que nós vamos treinando no início do caminho nós nos sentimos alguém seguindo o caminho. E a gente imagina que a gente vai avançando, e por controle, nós vamos virando uma espécie de super meditante, Super Homem que atinge uma glória do controle completo.

Por que que a gente olha isso? Porque nós temos uma sensação de identificação completa do foco da mente com nossa própria identidade, com nossa própria existência. Nós somos o foco dessa mente. Mas quando nós temos esta sensação de sermos o foco dessa mente, nós temos o refúgio nos impulsos que brotam da mente, na energia que brota do foco da mente. Então, quando a mente se posiciona, brota uma energia correspondente. A gente não sabe bem por que isso, mas na medida em que essa energia aparece, ela serve

de âncora para a sensação de identidade. Então fica muito natural a gente dizer "eu existo", "a energia existe", "o impulso existe".

A gente não entende isso. Esse ponto ele vai ter de ser contemplado longamente através da originação dependente. Nós só vamos ultrapassar esse ponto quando a gente contemplar a originação dependente longamente e entender a interseção da multiplicidade de seres e mentes que vão construindo um tecido múltiplo que termina se manifestando no nosso próprio corpo. Ele brota não pela nossa inteligência, pelo foco de nossa mente, mas pelo conjunto de inteligências conectadas a todos os lados e a todos os seres. Esse processo surge como nossa mente. Surge como nosso mundo e é um mundo multidimensional, onde muitos diferentes seres, com suas mentes, e que não são bem percebidos uns pelos outros, com a sua ação, a partir de suas mentes, criam um tecido. Esse tecido é a mente fundamental, é a mente condicionada, é Alayavijnana, é o mundo, é a terra condicionada, a partir do qual os seres vivem.

Quando nós vamos aprofundando essa visão, a gente termina se vendo surgindo junto com essa energia, mas essa energia... ela não é nossa. Essa energia é como se fosse uma energia dessa base fundamental, vamos chamá-la de energia ancestral. Quando a gente não entende, a gente pensa "energia ancestral". Então, estamos operando a partir disso, a partir dessa energia e assim também os seres todos estão operando desse modo. Mas quando nós vamos avançando, nós vamos atravessar a mente condicionada, nós vamos atravessar a mente fundamental. Quando a gente atravessa a mente fundamental, a gente está vendo essa mente fundamental como surgindo a partir de condicionantes. E, essencialmente, o Prajnaparamita nos permite atravessar isso. O estudo do Prajnaparamita nos leva a atravessar as aparências, e a gente chega à conclusão de que não precisa obedecer aos impulsos, nem às energias, nem às disposições, nem às aparências de vida e morte. Tem uma natureza livre desse conjunto que produz os referenciais através do qual nós vamos jogando as nossas vidas. Quando nós atravessamos esse aspecto da mente fundamental, nós não estamos mais obedecendo aos impulsos, às disposições, etc... não por uma teimosia, mas porque a gente vê que não precisa.

Do mesmo modo, por exemplo, alguém que está jogando um jogo, tipo um jogo de xadrez: quando ela está no meio do jogo, ela sente que ela tem de jogar, ela não quer nem parar. Mas se ela recuar um pouco a mente, ela vê: "bom, eu não sou esse jogo, eu não sou isso". Aí ela atravessou a base condicionada correspondente, e quando ela atravessa esta base condicionada correspondente, ela diz: "bom, eu não sou nem o jogador que está jogando aqui." Então, num certo momento, quando a gente atravessa a base correspondente, nós deixamos de ser as identidades correspondentes que estavam operando, e nós sentíamos que éramos aquilo. É nesse sentido que o Buda diz apesar dos seres sensoriais a serem libertos por mim serem inumeráveis. Quem são os seres a serem libertos? São os seres que estão no meio do sofrimento. Eles não brotam apenas assim... eles brotam junto com os contextos e com os referenciais todos de onde eles aparecem.

O Buda diz apesar dos seres sensoriais a serem libertos por mim serem inumeráveis, sem limite. Ainda assim, em realidade não existem esses seres sensoriais a serem libertos. Ele poderia dizer: "e por isso mesmo a gente pode libertá-los". Quando a gente liberta os seres da existência, eles estão libertos. Mas não é assim: no final, existe um ser sensorial liberto. Não tem esse ser sensorial. É justamente a dissolução da ilusão, que faz surgir os seres sensoriais, que é a liberação. A mente, que está livre após a clarificação do que que são os seres sensoriais, é a mente que atinge o que é chamado o perfeito nirvana.

Assim, todos os seres... todos os tipos de operações mentais, todos serão conduzidos em direção ao perfeito nirvana, porque todos eles surgem desse mesmo modo. Mas, ainda assim, não há os seres a serem libertos. Esse é o ponto. Aqui é como se fosse uma chave que nos liberta de um defeito sutil porém mortal que é o materialismo espiritual. Nós entramos no caminho e aí a gente começa a ficar mais enrijecido em torno de uma identidade espiritual. É super importante a gente entender que a libertação, que eventualmente nós também podemos atingir, é a dissolução da necessidade de obedecer aos referenciais e aos mundos, dentro dos quais nós surgimos como existência. Aí, o Buda segue

"E por que, Subhuti? Porque caso houvesse na mente dos Bodisatvas-Mahasatvas concepções arbitrárias de fenômenos tais como a existência de identidade em alguém e identidade em um outro, identidade como dividida em um número infinito de seres que nascem e morrem, ou identidade como a união com alguma Alma Universal eternamente existente, eles seriam inadequadamente chamados de Bodisatvas-Mahasatvas."

Então, os Bodisatvas-Mahasatvas guardam a não dualidade. Esse é o ponto. Eles são praticantes da não dualidade. Porque praticantes da não dualidade? Porque eles estão contemplando, eles estão olhando, eles não tem uma realização completa, mas eles já têm a chave. Eles estão constantemente contemplando as várias experiências, a partir desta visão. Essa é a prática deles. E se eles estivessem presos a uma noção de identidade, eles não poderiam ser chamados de Bodisatvas-Mahasatvas, porque então eles não estão praticando direito.

"Além do mais, Subhuti, os Bodisatvas-Mahasatvas, ao ensinarem o Dharma aos outros, deveriam primeiro libertar a si mesmos de todos os impulsos decorrentes...

Aí vem inicialmente o reino dos deuses. Impulsos decorrentes do quê?

"...das belas visões, sons agradáveis, paladares adocicados, fragrância, maciez e pensamentos sedutores. E por quê? Porque se em sua prática de generosidade eles ficarem sem ser influenciados por tais coisas, vivenciarão bênçãos e méritos inestimáveis e inconcebíveis."

E, então, isso já é a definição do Paramita da Generosidade. Se quando estiverem oferecendo o Dharma, seja o que for dentro do Dharma, quando forem ensinar o Dharma aos outros, eles ficarem sem ser influenciados por essas várias visões e itens que poderiam ser desejáveis, eles vivenciarão bênçãos e méritos inestimáveis e inconcebíveis. Eles vivenciarão muitos méritos, muitas bênçãos. Ou seja, eles se movem... ensinam o Dharma, mas não estão andando em direção dos reino dos deuses, não estão buscando alguma coisa senão apenas a manifestação e a clareza com respeito ao próprio Dharma.

"O que pensas, Subhuti, é possível avaliar a distância espacial que se estende na direção do céu a leste?"

Essa é uma forma de olhar o infinito. Alguma coisa que tu não consegue avaliar, ela é enorme, tu não consegue avaliar. Em direção a leste, aquela direção assim [aponta]... no céu, tu vai olhando pode pensar que não tem limite isso.

– Não, Abençoado! É impossível estimar a distância em espaço que se estende na direção do céu a leste.

– Subhuti, é possível estimar a amplidão do espaço nos céus a norte, sul e oeste, ou em qualquer dos quatro cantos do universo, acima e abaixo?

– Não, Honrado dos Mundos!

– Subhuti, é igualmente impossível estimar as bênçãos e méritos que virão ao Bodisatva-Mahasatva que praticar generosidade livre dessas concepções arbitrárias. Essa verdade deveria ser ensinada de início a todos.

Ele diz bênçãos e méritos inestimáveis, inconcebíveis. A gente pensa: "Uauuu... é muito, eu vou ficar aqui. Se eu fizer isto... uauuu, bum aquilo vai cair em cima de mim." Aí ele dá o exemplo, o que são bênçãos e méritos inestimáveis. Tu olhas o espaço infinito. Então, esse espaço infinito ele me dá uma noção da grandeza desses méritos. Mas aqui não há uma grandeza neste sentido. Se vocês olharem essa grandeza do céu a leste, infinito, é a mente aberta alcançando todas as direções. Então isso já são as bênçãos e méritos. Esse é o refúgio. Essa é a natureza do próprio refúgio.

O Senhor Buda continuou: – O que pensas, Subhuti? Se um discípulo oferecesse como donativo uma tal quantidade dos sete tesouros...

Que é o que a gente oferece no altar, as oferendas das tigelas por exemplo.

...capaz de preencher os bilhões de universos, haveria ele de receber desta forma consideráveis bênçãos e méritos?

Então, se ele oferecer como donativo uma tal quantidade dos 7 tesouros, capaz de preencher os bilhões de universos. Aliás, essa é a forma correta de estar oferecendo: água de lavar, água de beber... a gente oferece aquilo em todas as direções. E na medida em que aquilo se espalha, chega num lugar, aquilo de novo se espalha em todas as direções. Anda mais um pouco, se espalha em todas as direções. E abarca tudo, bilhões de universos. A gente oferece com a mente, água de lavar, água de beber, água perfumada, e assim segue, alimento, som, Dharma.

Se um discípulo oferecesse como donativo uma quantidade dos sete tesouros capaz de preencher os bilhões de universos, haveria ele de receber desta forma consideráveis bênçãos e méritos?

Subhuti replicou: – Honrado dos Mundos! Tal discípulo receberia consideráveis bênçãos e méritos.

O Senhor Buda disse: – Subhuti, se a expressão “bênçãos e méritos” significasse qualquer substancialidade, se não fosse mais do que mera expressão, o Tatagata não teria usado as palavras “bênçãos e méritos”.

Então, esta é uma explicação adicional à noção do espaço a leste, que não tem limite. Isso são as bênçãos e méritos. Ele diz: Se ele oferecesse presentes objetivos. No caso os 7 tesouros, em todas as direções, haveria bênçãos e méritos? Aí ele diz: Sim, consideráveis bênçãos e méritos. Mas bênçãos e méritos como esse espaço infinito. Se “bênçãos e méritos” significasse qualquer substancialidade, não fosse mais do que mera expressão, o Tatagata não teria usado as palavras “bênçãos e méritos”.

– O que pensas, Subhuti? São muito numerosos os átomos de poeira que compõem os bilhões de universos?

Então, quando vocês olham bilhões de universos não é um universo, depois 2, depois 3, depois 4 bilhões. São universos interrelacionados, interconectados, surgidos de modo coemergente. É como o samsara inteiro. É só a gente caminhar aqui e a gente pensa: os bilhões de universos são assim; nós temos a terra, nós temos a água, as formigas, as aranhas, os escorpiões, nós temos vários tipos de bichos. Mas quando a gente enfia uma pá no solo, a gente não consegue separar o que é a terra, o que é a água, o que é a aranha, o que é o escorpião. Bilhões de universos são assim. Não é que eles se somem uns aos outros, tipo 1, 2, 3, 4, 5. O 1 e o 2 não são separados. Eles têm um âmbito conjunto. A gente não consegue separar, dizer o que que é um, o que que é outro. Os bilhões de universos são isso. Nós podemos dizer que temos bilhões de células dentro do corpo. Tudo bem, mas a gente não pode dizer que tem uma célula, tem outra célula, outra célula... Não dá. A vida delas, a existência delas não se dá sem uma rede completa com as outras. Elas não têm uma existência... É como nós, também, seres humanos. Somos 10 bilhões de seres humanos. Provavelmente, esta visão é uma visão fatal. A gente pode pensar que tem 10 bilhões, a gente conta 10 bilhões. Nós estamos fazendo uma criação completamente artificial porque os seres humanos simplesmente não sobrevivem um instante sem a presença completa de tudo, incluindo as paredes aqui. Eu estou aqui, as paredes estão ali. Eu me levanto, vou embora. as paredes aqui não têm nenhuma função. Mas, por exemplo, o calor que a gente produz, que o corpo produz através dos processos metabólicos, é muito menor do que o calor que a gente precisa para se manter aqui. A maior parte do calor nós recebemos do próprio ambiente. O ambiente irradia sobre nós. Se nós estivéssemos em zero graus kelvin, a gente não duraria nada, evaporaríamos rapidamente. Nós precisamos da pressão do ar; tirou esta pressão aqui [gesto de fim na garganta]. Não estou nem falando da respiração, estou falando de pressão e radiação luminosa térmica das paredes. Se eu tirasse a radiação térmica das paredes, deu!. Se eu tirar a pressão do ar, eu fup! Larga um ser no espaço, faz um suicídio cósmico, abre a portinhola da nave e se joga, sem roupa, sem nada... ele vai desintegrar. Nós somos completamente inseparáveis. Ainda assim, a gente diz 1, 2, 3, 4, 5, tá certo. Mas não há isso. Quando nós olhamos estes bilhões de universos, eu não estou contando 1, 2, 3, 4, 5. Estou considerando que estes universos são completamente inseparáveis.

– Subhuti, quando o Tatagata fala de “átomos de poeira”...

Esse é um ponto também. Essa palavra "átomos", ela está aí, ou seja, isto filosoficamente é essa noção. Eu encontro e eu vou dividindo, dividindo, dividindo, encontro um mínimo de matéria. É uma coisa grega.

Quando o Tatágata fala de “átomos de poeira”, isso não significa que ele tenha em mente qualquer concepção definida ou arbitrária, ele meramente usa as palavras como figuras de expressão. O mesmo se dá com as palavras “os bilhões de universos”, elas não indicam qualquer ideia definida ou arbitrária, ele meramente usa palavras como palavras.

Ou seja, ele está se comunicando com o âmbito cultural correspondente. Por isto ele diz bilhões de universos, e, ao mesmo tempo, ele dissolve isto. Ele precisa dissolver. Então, ele diz “se o discípulo oferecesse como donativos uma tal quantidade de 7 tesouros capaz de preencher os bilhões de universos”. Isso faz sentido dentro da cultura onde as pessoas estão. Ele sendo Cherenzig tem de falar dentro do universo onde as pessoas estão, mas depois ele é obrigado, logo em seguida, a pontuar isso pra não deixar ninguém preso.

Mas essa contemplação da aparência dos bilhões de universos e a contemplação da inexistência dos bilhões de universos é a prática dos bhikshus, aqueles que operam com a não dualidade, é a prática dos bodisatvas-mahasatvas. Ele está dando a transmissão. Como é que é isso?

– Subhuti, quando o Tatagata fala em “átomos de poeira”, isto não significa que ele tenha em mente qualquer concepção definida ou arbitrária, ele meramente usa as palavras como figuras de expressão. O mesmo se dá com as palavras “os bilhões de universos”, elas não indicam qualquer ideia definida ou arbitrária, ele meramente usa palavras como palavras.

– Subhuti, se algum bom e piedoso discípulo, homem ou mulher, por motivação caridosa sacrificou sua vida, geração após geração, tão numerosas como os grãos de areia nos bilhões de universos...

Ou seja, não tem nem grão de areia, nem bilhões de universo, mas tudo bem.

...tão numerosas como os grãos de areia nos bilhões de universos, e outro discípulo permanecer apenas estudando e observando uma única parte desta Escritura e explicando-a aos outros, o mérito deste será muito maior.

Isso, realmente, é muito profundo. Por exemplo, alguém no caminho espiritual, como o próprio Buda, lembrando histórias do Jataka. Ele lembra a vida dele com muitos diferentes corpos ao longo das vidas anteriores, que são três éons. Por três períodos, a vida desaparece e a vida ressurgem três vezes, a vida da biosfera inteira. Ele viveu três éons, operando a partir de compaixão objetiva, ele ofereceu o corpo dele e serviu aos mestres por um tempo incontável nesses três éons.

...se algum bom e piedoso discípulo, homem ou mulher, por motivação caridosa sacrificou sua vida, geração após geração, tão numerosas como os grãos de areia nos bilhões de universos, e outro discípulo...

Ele está falando agora para os discípulos: vocês são esses outros discípulos, vocês são os Bodisatvas-Mahasatvas, não percam tempo como eu. Ho!

...permanecer apenas estudando (ha! sim, claro!) e observando uma única parte desta Escritura e explicando-a a outros, o mérito deste será muito maior. (é assim)

Deste quem?

– O que pensas, Subhuti? Se um discípulo ofertou em caridade uma tal quantidade dos sete tesouros capaz de encher os bilhões de universos, retornariam a essa pessoa consideráveis bênçãos e méritos?

Subhuti replicou: – Bênçãos e méritos muito consideráveis. Ainda que aquilo a que o Senhor se refere como “bênçãos e méritos” ele não atribui qualquer valor objetivo ou quantidade; ele apenas se refere a isso de modo convencional.

Então, Subhuti já estava mais esperto.

O Senhor Buda continuou: – Se houvesse outro discípulo que, após haver estudado e observado mesmo um único verso (uma única parte) desta Escritura, explica seu

significado aos outros, seus méritos e bênçãos seriam muito maiores. E por quê? Porque destas explanações os Budas atingiram Anuttara-samyak-sambodhi...

Ele está dando a transmissão do Samasamadi, do último ponto. Que desse tipo de argumento, dessa forma de explicar, os budas atingiram a condição de Buda, Anuttara-samyak-sambodhi.

...e seus ensinamentos ...

ensinamentos desses múltiplos Budas

... estão baseados nestes sagrados ensinamentos.

Ou seja, esta visão é que gera os ensinamentos do Dharma que os vários budas apresentam.

– Mas Subhuti, tão pronto eu acabe de falar destes Budas e seus Dharmas, eu preciso recolher as palavras, pois não existem nem Budas nem Dharmas.

Porque essas expressões de Budas e Dharmas pertencem ao próprio âmbito do samsara onde há o sofrimento. Em verdade, todos os seres têm a natureza búdica, todos os seres podem, a partir da natureza búdica, reconhecer as aparências e reconhecer o Dharma nas aparências. Então, ainda que os seres, dentro das bolhas, se vejam totalmente perdidos e encontrem Budas que têm lucidez, eles fazem isso porque eles não estão conseguindo ver neles mesmos a natureza búdica. Mas como o Buda reconhece isso e reconhece a não separatividade de todas as coisas, ele vai dizer que de fato não existem identidades que sejam Budas, nem existem explicações que sejam Dharmas.

O Senhor Buda então continuou: – Quando um Bodhisatva-Mahasatva inicia a prática para atingir Anuttara-samyak-sambodhi (ou seja, o aspecto último) ele precisa abandonar, também, toda a ligação a concepções arbitrárias de fenômenos. Quando praticando a atividade de pensar, ele deveria excluir definitivamente todos os pensamentos conectados com fenômenos de visão, audição, paladar, olfato e tato.

Isso significa o quê? Ele deveria ser capaz de ver o Dharma em cada uma dessas aparências. Ele está dando a dica da contemplação como é que é. Como a gente contempla isto? Vocês olham os 8 Pontos do Prajnaparamita: isso é, isso não é, isso é. E vão olhando, e vão vendo a bolha, e vão vendo a luminosidade. Tudo isso surgindo na frente. A gente olhou isso com cuidado. Aqui está a dica.

...excluir definitivamente todos os pensamentos conectados com fenômenos de visão, audição...

No caso do Sutra do Coração: na vacuidade não há olhos, ouvidos, nariz, língua, tato e mente; não há as aparências ligadas a olhos, ouvidos, nariz, língua, tato e mente; não há as mentes associadas a olhos, ouvidos, nariz, língua, tato e mente.

...e todas as discriminações baseadas neles, mantendo sua capacidade de pensar independente de tais concepções arbitrárias de fenômenos.

Ou seja, a mente está livre daquilo, é como mestre Dogen diz, na prática de zazen, deixe cair corpo e mente, opere além de todos os impulsos que podem surgir de corpo e mente.

A mente é perturbada por essas discriminações de conceitos sensoriais e pelas concepções arbitrárias subsequentes a respeito delas e, uma vez que a mente se torne perturbada, ela cai em falsas imaginações (ou seja ela começa a criar originação dependente) com respeito a uma identidade (aí surge a identidade que é o décimo primeiro elo) e sua relação com as outras identidades discriminadas. É por essa razão que o Tatagata encoraja constantemente os Bodisatvas-Mahasatvas para que em sua prática de generosidade não sejam perturbados por quaisquer concepções arbitrárias de fenômenos, tais como visões, sons, etc. (e as próprias identidades) O Bodisatva-Mahasatva deveria, também, receber donativos sem ser influenciado por pensamentos preconceituosos como com respeito a uma identidade e a identidade dos outros, mas apenas com o propósito único de beneficiar os seres sensoriais, sempre lembrando que ambos, os “fenômenos” e os “seres sensoriais”, devem ser considerados como meras figuras de expressão.

Isso é um aspecto paradoxal porque o sofrimento vem dos seres surgidos como labaredas, eles surgem e cessam; ali é que está o sofrimento. Então a mente búdica está ajudando esses seres que são labaredas, que não são verdadeiramente algo, a se libertarem de seu próprio sofrimento.

– Entretanto, Subhuti, os ensinamentos do Tatagata são todos verdadeiros, confiáveis, imutáveis, eles nem são extravagantes nem quiméricos. O mesmo é verdade para os estágios dos Tatagatas, eles nem deveriam ser considerados como realidades, nem como irrealidades.

– Subhuti, se um Bodisatva-Mahasatva, na prática da generosidade, concebe no interior de sua mente quaisquer destas concepções discriminando ele mesmo das outras identidades...

Ou seja, se ele pensa que ele tem a natureza búdica mas olha os outros seres como seres comuns, ele não vê a natureza búdica, não vê a inseparatividade ali.

...ele será como um homem que caminha no escuro e nada vê. Mas se o Bodisatva-Mahasatva, em sua prática de generosidade, não tem concepções arbitrárias de atingir as bênçãos e méritos que ele atingirá com tal prática...

E essas bênçãos e méritos são o quê? Esse espaço infinito, que é uma forma de apresentar a Natureza Primordial. Quando nós olhamos o espaço infinito, nós não temos nenhum elemento que consiga discriminar. E nós estamos vivos em meio a isto. Então, este aspecto não discriminativo vivo, isto é a própria transição da mente búdica.

...ele será semelhante a uma pessoa com bons olhos que vê claramente todas as coisas como se estivesse sob o sol brilhante.

Essa noção do sol brilhante é uma noção super importante. Nós temos a luz do sol e a luz da lua. Todas as aparências, sejam elas vistas com olhos ou seja como for, elas estão sob esse sol brilhante. O sol brilhante produz as aparências, internas e externas.

– Se, no futuro, houver bons e piedosos discípulos, sejam homens ou mulheres, capazes de observar cheios de fé e estudar esta Escritura, seu sucesso e sua obtenção de méritos e

bênçãos inestimáveis e ilimitados será instantaneamente sabida e apreciada pelo Olho Transcendental do Tatagata.

Então a gente imagina: lá está o Tatagata espiando. Não é isso, pessoal! O Tatagata é inseparável da própria pessoa. Se a pessoa tem esta visão, ela vê isso. Só que não há essa pessoa. Essa sensação de alguém, neste caso, é a lucidez. Quando isso é apresentado e opera desse modo, tem uma certeza interna que vê isso. Isso é o Olho Transcendental do Tatagata. Isso está presente. Neste ponto que nós estamos do treinamento a gente deveria entrar em retiro de 10 anos na prática da generosidade. Só isso! [risos] O Buda deu toda a transmissão, explicou tudo. Não sei porque as pessoas se levantam e agora vão viajar. Elas deveriam fazer retiro. [risos]

Esse é o Paramita da Generosidade! Neste ponto, a pessoa poderia esquecer todo o resto, pegar só isso. E fazer a prática. Espero que vocês abandonem este retiro, se recolham em algum lugar e, enfim, façam esta prática. Não precisam escutar agora o Paramita seguinte. Basta este, o Paramita da generosidade. Ele está completamente claro!

Então, este é o Prajnaparamita. Isto é a lucidez apresentada nas aparências. Isto não é separável, não é separado dos ensinamentos de Satipatthana: olhar o corpo como corpo, olhar as sensações como sensações, olhar as aparências dos vários modos como tal, porque isto produz a lucidez, a clareza das coisas.